

O ANARQUISTA

QUINZENÁRIO.—EDIÇÃO DA UNIÃO ANARQUISTA PORTUGUEZA

Redactor principal: **Francisco Quintal**
Editor: **F. Almeida Marques**

AVULSO 30 centavos
ANO I—N.º 4— LISBOA, 11 de Abril de 1926

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Calçada do Combro, 38-A, 2.º—LISBOA—Portugal
Composição e Impressão: Associação dos Compositores Tipográficos
Travessa da Água de Flor, 35—LISBOA

09 DE ABRIL
DATA GUERREIRA

Prisma Internacional

A PROPAGANDA
DO ANARQUISMO

9 de Abril foi data sangrenta, vergonhosa e indigna da nossa época, como milhares de datas semelhantes registadas pela História, em que o povo deu, em milhares de seus filhos inocentes, a sua vida preciosa em holocausto á Patria aviltante.

Indigna da especie humana, que quer ascender para a perfeição ilimitada, foi essa guerra de 1914, que reuniu nos campos da Europa, Asia e Africa, milhões de homens irmãos, ceifados pela Morte rapidamente.

Quando o Pacifismo avançava e em todas as camadas sociais se afirmava, nuns com sinceridade, noutros com hipocrisia, que já mais haveria guerras, a Grande Guerra, foi a afirmação plena e retumbante de que a Democracia, o Capitalismo e a Sciencia oficial e reaccionaria não faziam outra coisa, mesmo quando afirmavam o contrario, senão prepará-la, porque a sociedade opressora nos conduzia e conduz pelos seus métodos de dominio e de exploração, á sua fatal consequencia—a Guerra.

Diante de nós ergue-se ainda o fantasma hiante desse apocalipse terrível. Ao pé dos factos desenrolados durante quatro a cinco anos seguidos, todas as guerras passadas tomaram quasi a equivalencia de simples brinquedos de crianças.

De todas as partes do mundo milhões de homens marcharam para um ponto do globo—a Europa central. Milhares se contaram entre mortos, feridos e desaparecidos. E para avolumar a grandeza desta hecatombe, o desequilíbrio produzido na sociedade foi enorme, tendo os acontecimentos politicos e sociais de hoje, a sua origem nessa guerra. Ao passo que as perdas entre o povo se contaram por milhões, por milhões foram os lucros arrancados pelos capitalistas internacionais.

A época actual lutando com a miseria alastrante, não pode deixar de sentir-se ofendida com as comemorações criminosas que o patriotismo acaba de fazer. Solenisa-se a guerra perante a alma enlutada duma geração de sacrificados.

O cinismo dos governantes e dos capitalistas seus patrões atinge o auge quando vão hipocritamente lançar flores no tumulo do soldado desconhecido que, quanto a nós, simbolisa também a massa popular, trabalhando e sofrendo, ignorada sistematicamente por aqueles que, dizendo-se *homens honrados*, apoiam nesta hora as manifestações guerreiras.

O mundo politico blasona actualmente de paz. Mas solenisa a Grande Guerra e prepara, com os cuidados meticulosos dum criminoso nato, a nova guerra, instituidora duma sociedade mais poderosa.

Por todo o mundo a onda fascista recrudescer. O Fascismo é filho directo da guerra.

Da Grande Guerra devia ter nascido e vencido a Revolução Social. Tinha chegado com jús a hora das supremas reivindicações, dos verdadeiros direitos do homem. Não se fez a Revolução por varios motivos, entre eles avultando as traíções dos chefes «socialistas», socialistas democratas e «comunistas». E em seu lugar nasceu o fascismo, que é logicamente a defeza a todo o transe da Burguesia, acossada por seus crimes, pelo vendaval destruidor de privilegios, dos bellos Ideais do Porvir.

Comemoram a guerra e todas as suas datas memoraveis pelo sangue derramado, os capitalistas que com elas ganharam ouro a rodos e os politicos e militares que ganharam belas situações e fama de valentes.

Comemoram-na ainda os reaccionarios, os que vão ingressando dia a dia nas hostes fascistas em defeza do «tacho» ameaçado.

Mas contra ella protestam todos os que perderam bens e familia, povos inteiros espalhados pelo globo, sofrendo as consequências do tremendo conflito.

E perante esta situação depara-se-nos, a todos os que lutamos por um mundo melhor, a todo o povo oprimido, um unico dilema: fazer a Revolução Social que alastre por todo o mundo e não se limite a um paiz, como sucedeu na Russia.

Se não se fizer isto seremos esmagados pela Burguesia empenhada em reforçar os seus quadros defensivos com o auxilio do Militarismo e da Religião dogmatica.

Dois dias depois das infames comemorações da derrota de 9 de Abril, lembramos que é preciso dar combate ao Militarismo por todos os meios, reforçando a Internacional Anti-militarista e atacar a Igreja, desvendando os conluios dos que prégam «a humildade, a bondade e o desprezo dos bens terrestres», com os homens da finança e da guerra.

Abaixo a Igreja!
Viva o Anti-militarismo!

Para compreender bem a hora presente da velha questão social é necessario lançar um golpe de vista sobre a situação geral do mundo.

Uma onda pessimista alastra assustadoramente, vendo-se nas vitórias aparentes da reacção a queda dos nossos principios. No entanto, hoje como nunca, o nosso otimismo a respeito da futura vitória dos nossos ideais tem uma profunda razão de ser. Compreenda-se que não se trata do tolo otimismo ou do doentio pessimismo, um e outro proprio dos egoistas que querem viver bem, esquecendo o mal que os rodeia, ou do falho de vontade que entrega a sua sorte aos acasos da vida, como o naufrago que se abandona á corrente. Nesta hora, o nosso otimismo traduz a nossa fé num futuro proximo revolucionario, para o qual trabalhamos, rodeados das circunstancias mais favoraveis. E entendemos que esta fé, que ilumina e fortifica quando acompanhada da acção criadora, deve ser o principal sentimento a animar a alma de todos os rebeldes.

Pessimismo a respeito das condições vitais, construtivas, naturais, da Sociedade actual.

Consequentemente um otimismo salutar na proxima revolução, no futuro.

Espiritos timoratos e oscilantes alarmaram-se perante essa aparente vitória da Reacção mundial. Porem, não ha razão para tal alarme. Se aprofundarmos nas causas e efeitos deste fenomeno social, veremos exactamente o contrario: que a Burguesia presente o final do seu predomínio e se debate em convulsões proprias duma fera moribunda.

Se a sociedade burguesa estivesse realmente forte não procederia como procede, porquanto o supremo ideal desta classe de egoista individualismo é viver pacatamente, ordeiramente, digerindo com a maxima tranquilidade as suas benesses materiais. Teria como base deste viver um povo trabalhador sofrendo com resignação infinita a exploração dos seus patrões e dos seus chefes. E não teria, como hoje tem, o maximo cuidado em dotar a sociedade duma força publica numerosa, dotada de todos os requisitos de repressão. A sua imprensa não se occuparia, como se occupa hoje, de caluniar e mentir, propagando anciosamente, com demonstrações scientificas, os ideais mais abjectos.

Não, porque a Burguesia é essencialmente comodista, usando de

todos esses manejos apenas por se ver acossada de todos os lados por heroicas rajadas de vento demolidor. É tão convincente o argumento erguido pela Burguesia reaccionaria como um *mot d'ordre* fatal e necessario, que até os proprios burgueses a aceitam. Dizem todos—reaccionarios e liberais—que a disciplina faz uma grande falta e que é necessario implantar um regimen ou um governo de mão forte.

Presentem o tremelicar desta caranguejola e procuram—dando-se ares de gente forte, enganando o vulgo—umas estacas carunchosas para segurá-la.

E' certo que neste afan—logico no fim de contas—para defender-se, a fera burguesa esmaga muita gente com refinada crueldade. Na Espanha enchem-se os carcereos á cunha e, no Marrocos abrupto, a juventude ibérica continua a morrer. Na Russia, um regimen alcandorado á custa duma grandiosa revolução, encarcera, fusila e debate-se num tremendo caos, como qualquer regimen capitalista. Na Alemanha, na França esquerdista, na fascista península italiana, na Bulgaria, no Egipto, na Polonia, na ordeira Inglaterra, não se observa senão soluções de defeza. Todos os diplomatas viajam dum paiz para o outro com suas pastas cheias de propostas, teses, condições, com o unico fito de debelar a trivel e cada vez mais insolavel, segundo eles, questão social. Mas nada conseguem senão continuar a onda de repressão, o estrebuxar afito da fera, desde o Mar do Norte até ao Artico, desde a Siberia sovietica até á Patagonia, onde jazem martires, e a Sierra Chica, onde se consomem os corpos dos que usaram da santa rebeldia.

Por toda a parte a Revolução Social vai marcando implacavelmente o caminho que há-de trilhar. As sementeiras de ha cincoenta anos para cá lançadas á terra, não morreram, mas vão pelo contrario rebentando vigorosas.

Porque a Burguesia autoritaria e capitalista não tem nenhuma solução para salvar-se. Usa em troca de repressão, cruel e sanguinaria.

Saibamos esperar com fé no futuro, confiados na força das nossas ideias.

* COMENTARIOS *

Carne ou peixe?!...

Lembram-se de quando partiu para a Russia o sr. Cesar Porto, homem muito cosido consigo, muito cuidadoso nas suas opiniões, apenas *intelectual*... e vá lá que está com sorte.

O sr. Porto ia como delegado de professores investigar imparcialmente a instrução na Russia Sovietica.

Foi e esteve lá dois mezes, sem saber do russo mais que meia dúzia de vocabulos. Voltou, com os seus pés de lá de *intelectual*, o seu ar cuidado de pensador que se présa, de larga sentença com peso e medida.

E principiou as suas conferencias com a prudente afirmação de que ia falar imparcialmente, apenas sobre os assuntos que motivaram a sua viagem, que não vissem nas suas palavras qualquer preferencia, etc., etc. Sobre tudo este horror das responsabilidades que é a principal característica do intelectual burguez. Porem, tudo isto foi manha do sr. Porto, pois, ás duas por tres largou as muletas que trazia, a fazer de cego, e eil-o a dançar um desafortado *jazz-band* de conferencias, palestras, crónicas, artigos, conversações sobre sovietismo, revolução, instrução, arte, tudo isto misturado de comentários, elogios, documentos, considerações filosofico-sociais, etc.

Corre as associações de Lisboa, salta para a provincia, enche os jornais de entrevistas, e até o suplemento de *A Batalha* publica, com continuação um estudo sobre o regimen russo actual, em que o sr. Porto erradamente, para não dizer mentirosamente, nos dá a Russia como um exemplo de nova sociedade, justificando todas as patifarias que os bolcheviques, antigos intelectuais burguezes, teem feito. A Russia não é o que o sr. Porto anda a prégar. O sr. Porto faz mal em andar a fazer fretes, pois isto é improprio dum intelectual prudente. A Revolução russa não pode ser capa de ladrões. Foi escameçada, roubada, desvirtuada, não evolucionou, foi assassinada.

Tambem o sr. Porto pensa que está a escrever um importante trabalho, e afinal está a perder o seu rico tempo.

E agora perguntamos: Qual é a orientação de *A Batalha*? O seu suplemento é algum museu de variedades ou é o orientador

cuidado duma corrente revolucionaria que marcha para a liberdade sem sofismas?

Carne ou peixe?!...

Os politicos...

Entre os politicos não pode haver nenhuma distincção. Todos se irmanam nas ocasiões difíceis, depois de aparentemente se degladiarem por cousas que não são fundamentais. Como succede com os politicos, todos os governos oprimem, exploram, sufocam as iniciativas, impedem a marcha das sociedades. Que os ignorantes os sigam, os que teem necessidade dum aguilhão. Mas nós, revolucionarios, não façamos por favor, distincção entre esses ambiciosos do poder em nome de diferentes deuses. Cunha Leal está farto de valer rija pancadaria. Não façamos o homem maior do que é na verdade. E' ridiculo. Não personifiquemos a porca da Politica num homem capaz de berrar muito, mas indigno de que a nossa colera o coloque num pedestal eminente.

Ele fundou agora um jornal reaccionario: *A Noite*. Nós acrescentamos-lhe o termo *tenebrosa*. Mas nesta *noite tenebrosa* não é só o Cunha Leal quem trabalha. Trabalham todos os politicos desde ha muito.

Nas trevas tem sido esfaqueada a consciencia popular.

A Seara Nova metendo folco em Seara alheia..

A velha Seara que teima em chamar-se nova não sabemos porquê, compõe-se duns homens muito enfiados, bem jantados, que da sua torre de marfim se dignam ás vezes descer á rua para mijar algumas sentenças, quasi sempre ditas com irritante má fé. Nós não temos confiança nestes burguezes liberais, nestes doutores de letras e tretas, que falam contra a revolução quando estão bem, e falam bem dela quando aspiram a alguma cousa de melhor para seu credito pessoal. Tomá-los a sério quando fingem de revolucionarios é uma imbecilidade. Estes homenzinhos arrogantes como todos os marrecos não querem a revolução desde que ella se

dispõe a ultrapassar o limite das suas conveniencias. Não podendo por motivos varios governar e subir nesta sociedade querem tornar-se, á custa da revolução, homens eminentes. Numa palavra querem governar, pois segundo eles, *numa sociedade bem formada os intelectuais é que governam*...

Por isso admiramo-nos muito quando ouvimos revolucionarios cá do nosso lado sustentarem a desgraçada tése de que para combater a reacção devemos poupar os nossos ataques contra esses burguezes liberais que de momento combatem a reacção.

Ao passo que esta atitude é sustentada por cá, os liberais burguezes procedem com todo o *tacete*, puchando a braza á sua sardinha, e nunca se esquecendo de atacar, ao nivel dos seus inimigos, os ideais mais avançados.

Como procedem eles? O sr. R. Proença, acaba de publicar um folheto *O Fascismo*. Lemo-lo e não vemos nele um ataque ao principio de autoridade de que o fascismo é o desbordamento. Pelo contrario, combate o Fascismo, porque *não conduz á autoridade devidamente organizada, evoluindo para a Democracia, organizando os seus métodos, tornando-a mais eficiente*, etc.

E não se prendendo com escrúpulos Proença ataca os anarquistas, mentindo e caluniando como o melhor fascista. Diz que os anarquistas de Italia se sentem bem com o fascismo; quando se sabe que foram os mais perseguidos e ainda o são, o que não sucede com os republicanos burguezes da laia do sr. Proença que curvaram a serviz perante o ditador, sem um protesto sequer. Procede infamemente, atribuindo ao anarquismo de Italia uma função de assassinos, á moda da *che ka* fascista. Isto dá além disso a nota exacta da moral do burguez liberal. Não mata porque é covarde e comodista, mas deseja que os outros o façam, ocorrendo por um lado a protestar contra a *barbaridade* e por outro lado a desfrutar as benesses de mudança de situação.

Felicitamos a *Seara* esteril pela maneira *nobre* como pugna pela liberdade e, tambem, alguns dos *nossos* pela forma *inteligente* porque veem *colaborando* contra o fascismo com creaturas sem escrúpulos que querem evidenciar-se.

Consideramos o anarquismo como um ideal humano, e não como pertença duma determinada classe, e por isso entendemos que a sua propaganda deve ser levada a todos os campos, tanto burgueses como operarios.

Bem sabemos que certos meios são mais favoraveis do que outros a tal propaganda, e que por esse motivo a eles mais devemos prestar a nossa atenção.

No entanto, isto são factos sobre os quais só a experiencia e a pratica nos podem ditar o procedimento a seguir, e por isso, embora nos dediquemos ou manifestemos preferencias por certos meios, nós temos, em harmonia com o nosso ideal, de adotar o principio de que a nossa propaganda é para todos os individuos, sem exclusão de classes.

E' certo que teremos mais probabilidades de fazer aceitar as nossas doutrinas, por exemplo, entre os trabalhadores manuais, pois que é sobre eles que recai principalmente todo o peso da actual organização social, mas isso não significa que devemos desprezar a propaganda entre a burguesia, sobretudo entre a mocidade das escolas porque, embora de lá tenha vindo para o nosso movimento muito patife e intrujão, a verdade é que tambem teem vindo varios elementos que relevantes serviços teem prestado á causa libertaria.

Pensando deste modo está claro que tambem não concordamos com a ideia de se abandonar, ou de se excluir da nossa acção aquelas organizações operarias que se encontram sob o dominio dos reformistas.

Achamos que lá, como em toda a parte, se deve tentar a propaganda anarquista e só abandonar o campo depois da pratica demonstrar que são absolutamente infrutíferos todos os esforços empregados.

Conhecemos sindicatos em que se tem verificado este ultimo facto por terem caído os seus corpos gorentes em elementos de confiança do patronato ou em individuos que tenham interferencia na distribuição do trabalho, etc.

Em tais casos, está claro, é inutil toda a luta, e aceitamos mesmo o *divisionismo*, pois que uma organização á parte, constituida pelos que desejam lutar directamente na defesa dos seus interesses poderá exercer uma acção salutar em toda a restante classe, despertando-a do entorpecimento a que a tenham reduzido os seus falsos orientadores.

Mas, apesar destes factos, repetimos de novo que a propaganda anarquista deve ser feita em todos os meios, burgueses e operarios, nunca se partindo do principio de que ella se destina unicamente a certas organizações proletarias, porque assim poderemos perder muitas vezes ocasião de esclarecer certos espiritos que, por acaso, se encontrem fora das organizações da nossa confiança.

A. BOTELHO

A força de comparar as causas, os acontecimentos e os homens, depois de ter visto a obra dos nossos amigos da Comuna, tão honestos quanto o eram considerados de terriveis, convenci-me em pouco tempo que os homens rectos chegado ao poder são tão incapazes como os desonestos são nocivos, e que é impossivel, mesmo por um só momento, que a liberdade possa estar aliada com qualquer poder.

Luiza MICHEL